

Irmão Roger, fundador de Taizé

Dois olhares sobre a sua vida

Cardeal Walter Kasper

Irmão Alois

Entrevista com o Cardeal Kasper

Irmão Roger, símbolo do ecumenismo espiritual

Vários anos decorreram desde a morte trágica do irmão Roger, o fundador de Taizé. O Senhor Cardeal presidiu à cerimónia das exéquias. Quem era para si o irmão Roger¹?

A sua morte impressionou-me muito. Eu estava em Colónia, na Jornada Mundial da Juventude, quando soubemos que o irmão Roger tinha morrido, vítima de um acto violento. A sua morte lembrou-me as palavras do profeta Isaías sobre o Servo do Senhor: «Foi maltratado, mas humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro que é levado ao matadouro, ou como uma ovelha emudecida nas mãos do tosquiador» (Is 53,7). Durante toda a sua vida, o irmão Roger seguiu o caminho do Cordeiro: pela sua mansidão e humildade, pela sua recusa de qualquer acto grandioso, pela sua decisão de não dizer mal de ninguém, pelo seu desejo de transportar no próprio coração as dores e as esperanças da humanidade. Poucas pessoas da nossa geração encarnaram com tanta transparência o rosto manso e humilde de Jesus Cristo. Numa época turbulenta para a Igreja e para a fé cristã, o irmão Roger foi reconhecido como uma fonte de esperança por muitas pessoas, entre as quais também eu me incluo. Como professor de teologia e depois como bispo de Rotenburgo-Estugarda, sempre encorajei jovens a passar por Taizé no Verão. Eu via como essa passagem perto do irmão Roger e da comunidade os ajudava a conhecer e a viver a Palavra de Deus, na alegria e na simplicidade. Senti tudo isso ainda mais no momento de presidir à liturgia das suas exéquias, na grande igreja da Reconciliação de Taizé.

Para si, qual é a contribuição específica do irmão Roger e da comunidade de Taizé para o ecumenismo?

A unidade dos cristãos era certamente um dos desejos mais profundos do prior de Taizé, tal como a divisão dos cristãos era para ele uma verdadeira fonte de dor e de tristeza. O irmão Roger era um homem de comunhão, que sofria com qualquer forma de antagonismo ou de rivalidade entre pessoas ou comunidades. Quando falava da unidade dos cristãos e dos encontros que tinha com representantes de diferentes tradições cristãs, o seu olhar e a sua voz deixavam transparecer a intensidade de caridade e de esperança com que ele desejava que «todos sejam um». A procura da unidade era para ele um fio condutor, que marcava até as decisões mais concretas de cada dia: acolher alegremente qualquer acção que pudesse aproximar cristãos de diferentes tradições, evitar qualquer palavra ou gesto que pudessem atrasar a reconciliação. Ele fazia esse discernimento com uma atenção que raiava a minuciosidade. No entanto, no irmão Roger esta procura da unidade não era apressada nem ansiosa. Ele conhecia a paciência de Deus na

¹ Presidente em Roma do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, o Cardeal Walter Kasper deu esta entrevista ao «Osservatore Romano», onde foi publicada a 15 de Agosto de 2008, e retomada depois na «Documentation catholique» de 4 de Janeiro de 2009.

história da salvação e na história da Igreja. Nunca realizou actos inaceitáveis para as Igrejas, nem convidou jovens a afastarem-se dos seus pastores. Mais do que a rapidez do desenvolvimento do movimento ecuménico, o que ele visava era a sua profundidade. Tinha a convicção de que só um ecumenismo alimentado pela Palavra de Deus e pela celebração da Eucaristia, pela oração e pela contemplação, seria capaz de reunir os cristãos na unidade desejada por Jesus. É nesta área do ecumenismo espiritual que eu gostaria de situar a importante contribuição do irmão Roger e da comunidade de Taizé.

O irmão Roger descreveu muitas vezes o seu caminho ecuménico pessoal como uma «reconciliação interior da fé das suas origens com o mistério da fé católica, sem ruptura de comunhão com ninguém». Esse percurso não pertence às categorias habituais. Depois da sua morte, a comunidade de Taizé desmentiu os rumores de uma conversão secreta ao catolicismo. Esses rumores nasceram, entre outros aspectos, porque se viu o irmão Roger comungar das mãos do Cardeal Ratzinger durante as exéquias do Papa João Paulo II. O que podemos pensar da expressão segundo a qual o irmão Roger se teria tornado «formalmente» católico?

Proveniente de uma família de confissão reformada, o irmão Roger tinha feito estudos de teologia e tinha-se tornado pastor nesta mesma tradição reformada. Quando falava da «fé das suas origens», era a esse bonito conjunto de catequese, de devoção, de formação teológica e de testemunho cristão que tinha recebido na tradição reformada que se referia. Ele partilhava esse património com todos os seus irmãos e irmãs de denominação protestante, a quem sempre se sentiu profundamente ligado. No entanto, desde que era jovem pastor, o irmão Roger também procurou alimentar a sua fé e a sua vida espiritual nas fontes de outras tradições cristãs, transpondo dessa forma alguns limites confessionais. O seu desejo de seguir uma vocação monástica e de fundar uma nova comunidade monástica com cristãos da reforma já dizia muito sobre essa procura.

Ao longo dos anos, a fé do prior de Taizé foi-se enriquecendo progressivamente com o património de fé da Igreja Católica. Segundo o seu próprio testemunho, foi com referência ao mistério da fé católica que ele compreendeu alguns dados da fé, como o papel da Virgem Maria na história da salvação, a presença real de Cristo nos dons eucarísticos e o ministério apostólico na Igreja, incluindo o ministério de unidade exercido pelo Bispo de Roma. Em resposta, a Igreja católica tinha aceitado que ele comungasse na eucaristia, como ele fazia todas as manhãs na grande igreja de Taizé. O irmão Roger também recebeu a comunhão, por diversas vezes, das mãos do Papa João Paulo II, com quem tinha uma relação de amizade desde o Concílio Vaticano II e que conhecia bem a sua caminhada na fé católica. Neste sentido, não havia nada de secreto ou de escondido na atitude da Igreja Católica, nem em Taizé nem em Roma. No momento do funeral do Papa João Paulo II, o Cardeal Ratzinger apenas repetiu o que já se fazia antes dele na Basílica de São Pedro, no tempo do seu antecessor. Não houve nada de novo ou de premeditado no gesto do Cardeal.

Numa alocução ao Papa João Paulo II, na Basílica de São Pedro, durante o encontro europeu de jovens em 1980, o prior de Taizé descrevia o seu próprio caminho e a sua identidade de cristão com estas palavras: «Encontrei a minha própria identidade de cristão reconciliando em mim mesmo a fé das minhas origens com o mistério da fé católica, sem ruptura de comunhão com ninguém». Na verdade, o irmão Roger nunca quis romper «com ninguém», por motivos que estavam essencialmente ligados ao seu desejo de união e à vocação ecuménica da comunidade de Taizé. Por isso, ele preferia não utilizar certos termos, como «conversão» ou adesão «formal», para qualificar a sua comunhão com a Igreja católica. Na sua consciência, ele tinha entrado no mistério da fé católica como alguém que cresce, sem ter de «abandonar» ou «romper» com aquilo que tinha recebido ou vivido antes. Poderíamos falar muito sobre o sentido de alguns termos teológicos ou canónicos. No entanto, por respeito pela caminhada na fé do irmão Roger, seria preferível não aplicarmos a seu respeito categorias que ele próprio considerava desapropriadas à sua experiência e que

aliás a Igreja Católica nunca lhe quis impor. Também aí, as palavras do próprio irmão Roger deveriam bastar-nos.

Vê ligações entre a vocação ecuménica de Taizé e a peregrinação de dezenas de milhares de jovens àquela pequena aldeia na Borgonha? Do seu ponto de vista, será que os jovens são sensíveis à unidade visível dos cristãos?

Penso que o facto de todos os anos milhares de jovens continuarem a ir à pequena colina de Taizé é verdadeiramente um dom do Espírito Santo à Igreja de hoje. Para muitos deles, Taizé representa o primeiro e o principal local onde podem encontrar jovens de outras Igrejas e Comunidades eclesiais. Alegro-me por ver que os jovens que enchem todos os anos as tendas de Taizé vêm de diferentes países da Europa ocidental e oriental, alguns de outros continentes, que pertencem a diferentes comunidades de tradição protestante, católica e ortodoxa, que são muitas vezes acompanhados pelos seus padres ou pastores. Uma parte dos jovens que chegam a Taizé vem de países que passaram por guerras civis ou por violentos conflitos internos, muitas vezes num passado ainda recente. Outros vêm de regiões que sofreram, durante várias dezenas de anos, sob o jugo de uma ideologia materialista. Outros ainda, que são talvez a maioria, vivem em sociedades profundamente marcadas pela secularização e pela indiferença perante a religião. Em Taizé, nos momentos de oração e de partilha bíblica, redescobrem o dom da comunhão e da amizade que só o Evangelho de Jesus Cristo pode oferecer. Escutando a Palavra de Deus, redescobrem também a riqueza única que lhes foi dada pelo sacramento do baptismo. Sim, acredito que muitos jovens se apercebem do que verdadeiramente está em jogo no que se refere à unidade dos cristãos. Eles sabem o quanto o fardo das divisões ainda pode pesar no testemunho dos cristãos e na construção de uma nova sociedade. Em Taizé encontram como que uma «parábola de comunidade», que ajuda a ultrapassar as fracturas do passado e a olhar para um futuro de comunhão e de amizade. De regresso às suas casas, esta experiência ajuda-os a criar grupos de oração e de partilha no seu próprio ambiente de vida, para alimentar este desejo de unidade.

Antes de presidir ao Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos, foi bispo de Rotenburgo-Estugarda e, como tal, acolheu em 1996 um encontro europeu de jovens animado pela comunidade de Taizé. Que contribuições dão esses encontros de jovens à vida das Igrejas?

Esse encontro foi, de facto, ocasião de uma enorme alegria e de uma profunda intensidade espiritual para a diocese e sobretudo para as paróquias que acolheram jovens provenientes de diferentes países. Esses encontros parecem-me extremamente importantes para a vida da Igreja. Muitos jovens, como já disse, vivem em sociedades secularizadas, tendo dificuldade em encontrar companheiros de caminhada na fé e na vida cristã. São raros os espaços onde é possível aprofundar e celebrar a fé, na alegria e na serenidade. As Igrejas locais têm por vezes dificuldade em acompanhar bem os jovens na sua caminhada espiritual. É por isso que os grandes encontros, como aqueles que a comunidade de Taizé organiza, respondem a uma verdadeira necessidade pastoral. A vida cristã precisa certamente de silêncio e de solidão, como dizia Jesus: «Fechada a porta, reza em segredo a teu Pai» (Mt 6,6). Mas precisa igualmente de partilha, de encontro e de troca de experiências. A vida cristã não se vive de forma isolada, muito pelo contrário. Pelo baptismo, pertencemos ao mesmo e único corpo de Cristo ressuscitado. O Espírito é a alma e o sopro que anima esse corpo, que o faz crescer em santidade. Os Evangelhos falam, aliás, com regularidade de uma grande multidão de pessoas que tinham vindo, por vezes de muito longe, para verem e escutarem Jesus e para serem curadas por Ele. Os grandes encontros de hoje em dia inscrevem-se nessa mesma dinâmica. Permitem que os jovens apreendam melhor o mistério da Igreja como comunhão, que escutem juntos a palavra de Jesus e que Nele confiem.

O Papa João XXIII qualificou Taizé como uma «pequena Primavera». Por seu lado, o irmão Roger dizia que o Papa João XXIII tinha sido o homem que mais o tinha marcado. Para si, porque será que o Papa que teve a intuição do Concílio Vaticano II e o fundador de Taizé se apreciavam tanto?

Cada vez que eu encontrava o irmão Roger, ele falava-me muito da sua amizade com o Papa João XXIII e depois com o Papa Paulo VI e com o Papa João Paulo II. Era sempre com gratidão e com uma grande alegria que ele me falava dos muitos encontros e conversas que tinha tido com eles, ao longo dos anos. Por um lado, o prior de Taizé sentia-se próximo dos Bispos de Roma, na sua preocupação em conduzir a Igreja de Cristo pelos caminhos da renovação espiritual, da unidade dos cristãos, do serviço aos pobres e do testemunho do Evangelho. Por outro lado, o irmão Roger sabia que era verdadeiramente compreendido e apoiado por eles na sua própria caminhada espiritual e na orientação que tomava a jovem comunidade de Taizé. A consciência de agir em harmonia com o pensamento do Bispo de Roma era para o irmão Roger uma bússola em todos os seus actos. Ele nunca teria tomado uma iniciativa que soubesse ser contra a opinião ou a vontade do Bispo de Roma. Aliás, uma mesma relação de confiança prossegue ainda hoje, com o Papa Bento XVI, que pronunciou palavras muito comoventes por ocasião da morte do fundador de Taizé e que todos os anos recebe o irmão Alois em audiência privada. De onde vinha esta estima recíproca entre o irmão Roger e os sucessivos Bispos de Roma? Ela encontra certamente as suas raízes no factor humano, nas ricas personalidades dos homens em questão. Finalmente, eu diria que essa estima vinha do Espírito Santo, que é coerente com aquilo que vai inspirando, num mesmo momento, a pessoas diferentes, para o bem da única Igreja de Cristo. Quando o Espírito fala, todos compreendem a mesma mensagem, cada um na sua própria língua. O verdadeiro artesão da compreensão e da fraternidade entre os discípulos de Cristo é Ele, o Espírito de comunhão.

Conhece bem o irmão Alois, o sucessor do irmão Roger. Como vê o futuro da comunidade de Taizé?

Embora eu já o tivesse encontrado antes, foi sobretudo depois da morte do irmão Roger que aprendi a conhecer melhor o irmão Alois. Alguns anos antes, o irmão Roger tinha-me confiado que tudo estava previsto para a sua sucessão, quando isso se revelasse necessário. Estava feliz com a perspectiva do irmão Alois assumir o seu lugar. Quem poderia imaginar que essa sucessão teria de ser efectuada numa única noite, depois de um acto de inusitada violência? O que é espantoso desde então é a grande continuidade na vida da comunidade de Taizé e no acolhimento dos jovens. A liturgia, a oração e a hospitalidade prosseguem no mesmo espírito, como um cântico que nunca foi interrompido. Isso diz muito, não apenas sobre a pessoa do novo prior, mas também, e sobretudo, sobre a maturidade humana e espiritual de toda a comunidade de Taizé. Foi a comunidade no seu conjunto que herdou o carisma do irmão Roger, que continua a viver e a irradiar. Conhecendo as pessoas, tenho plena confiança no futuro da comunidade de Taizé e no seu empenho pela unidade dos cristãos. Essa confiança vem-me também do Espírito Santo, que não suscita carismas para depois os abandonar na primeira ocasião. O Espírito de Deus, que é sempre novo, trabalha na continuidade de uma vocação e de uma missão. Vai ser Ele quem vai ajudar a comunidade a viver e a desenvolver a sua vocação, na fidelidade ao exemplo que o irmão Roger lhe deixou. As gerações passam, mas o carisma permanece, porque é dom e obra do Espírito. Gostaria de terminar voltando a reiterar ao irmão Alois e a toda a comunidade de Taizé a minha grande estima pela sua amizade, pela sua vida de oração e pelo seu desejo de unidade. Graças a eles, o rosto manso do irmão Roger continua a ser-nos muito próximo.

A bondade humana, reflexo da bondade de Deus

À medida que o irmão Roger envelhecia, a palavra bondade tornava-se cada vez mais importante para ele². Gostava de citar São Basílio, para quem a bondade humana era um reflexo de Deus, a imagem de Deus no homem³.

Há muito tempo, quando me pediu que me preparasse para assumir, depois dele, a responsabilidade da comunidade, não me deu directivas, não me disse como deveria exercer este cargo, mas deixou-me estas palavras: «Para o prior, tal como para os seus irmãos, o discernimento, o espírito de misericórdia e uma inesgotável bondade de coração são dons imprescindíveis.⁴» Há uma oração que faço sempre de bom grado: «Que o teu sopro de bondade me conduza⁵». É suspensos neste sopro que podemos avançar.

Deus só pode amar

A visão de Deus como juiz severo causou muitos estragos na consciência de muitas pessoas. O irmão Roger contrapôs-se a esta concepção afirmando que Deus só pode amar. Deus ama incondicionalmente: era essencial lembrar isto a uma geração de jovens cuja caminhada para um Deus de amor é travada pelas repreensões.

Certo dia, o teólogo ortodoxo Olivier Clément disse-nos que, para si, esta insistência do irmão Roger acerca do amor de Deus marcou o fim de um longo período em que, nas diferentes confissões cristãs, se temia um Deus que castiga.

O irmão Roger ousou exprimir o amor de Deus de forma tão intensa porque tinha a referência de pensadores que o tinham precedido. Não me esqueço da felicidade que o iluminou quando descobriu estas palavras de Isaac de Nínive (século VII): «Deus só pode dar o seu amor⁶». Quis que destas palavras fosse feito um cântico de Taizé.

Encontramos também palavras admiráveis na Carta a Diogneto, em Ireneu⁷, Basílio, Francisco de Sales, num escritor como Dostoïevski ou num teólogo como Karl Barth, que redescobriu o universalismo cristão de certos Padres da Igreja. Mas o medo de Deus voltou sempre a ressurgir, conseguindo ocultar a força destes testemunhos.

Na sua juventude, o irmão Roger conheceu cristãos que pensavam que o Evangelho impunha fardos aos crentes. E, por causa disso, houve um tempo em que a fé se lhe tornou difícil. Ao longo da sua vida, a confiança em Deus foi um combate. Mas a sua mãe foi uma referência constante. Ela dizia que as palavras de São João «Deus é amor»⁸ lhe bastavam. E agiu em conformidade: foi, para os seus, um testemunho da bondade de coração.

² Este texto foi escrito a pedido da revista *Communio*, que o publicou na edição de Março-Abril de 2008.

³ «Tu tornas-te semelhante a Deus desenvolvendo a bondade. Faz-te um coração de misericórdia e benevolência, para te revestires de Cristo.» (São Basílio, século IV, *Sur l'origine de l'homme*, Sources chrétiennes 160, Le Cerf, Paris, 1970, p. 209).

⁴ Irmão Roger, *Les Sources de Taizé*, 2001, p. 77.

⁵ Salmo 143, 10.

⁶ Citado por Olivier Clément em *Taizé, un sens à la vie*, Bayard-Centurion, Paris, 1997, p. 98.

⁷ Perante o pessimismo gnóstico, Ireneu de Lyon afirmou a bondade do homem e de toda a criação.

⁸ 1 João 4, 16.

O irmão Roger era muito susceptível relativamente à escolha das leituras bíblicas na nossa oração comunitária: será que é possível que alguém fique desconcertado pela escolha de um determinado texto menos acessível? Pedia que só escolhêssemos leituras que permitissem chegar à essência do Evangelho, o amor infinito de Deus, nem que para isso fosse necessário estudar apenas em pequenos grupos certos textos mais difíceis.

Ele tinha o dom de transmitir o amor de Deus aos outros. Ele transmitiu esta certeza a um número incalculável de pessoas: tu és amado por Deus tal como és, Ele está perto de ti para sempre.

Naturalmente esta atitude não se confundia com um caminho de facilidade que pusesse de lado qualquer exigência. Nunca se tratava de construir uma imagem de Deus à nossa medida, um Deus que estivesse ao serviço do nosso bem-estar. Mas ele quis correr o risco de afirmar a sua esperança: a bondade de Deus terá a última palavra na vida de cada ser humano.

Lembro-me da Páscoa de 1973. Ainda jovem, vim a Taizé com outros jovens para celebrar a Ressurreição. Muitos foram tocados pelas palavras do irmão Roger que comentou a carta de São Paulo aos Romanos: «Quem nos condenará quando Jesus, o Ressuscitado, intercede por nós?»⁹

Correr o risco da bondade

Descobrir a bondade de Deus leva-nos a despertar a bondade na nossa vida. A Palavra de Deus está viva: escutar o chamamento do Evangelho à bondade, deixar ressoar este chamamento nos nossos ouvidos, provoca uma mudança nos nossos corações. Somos seduzidos por este chamamento, a nossa vontade descobre o prazer de responder.

O próprio irmão Roger fez esta experiência. Quando era ainda um jovem, marcou-o um texto do profeta Miqueias: «O que o Senhor requer de ti é que pratiques a justiça, que ames a lealdade e que andes diante do teu Deus.¹⁰» Ele compreendeu que a bondade de Deus faz apelo à nossa. «Um só é bom¹¹»: a fonte da nossa própria bondade não está em nós. Falta-lhe alguma coisa, ela remete para um absoluto, para uma bondade maior, a sua essência é ser sinal da bondade de Deus.

Durante a sua adolescência, o irmão Roger viveu um período de doença: teve tuberculose pulmonar, doença que na altura levava frequentemente à morte. Durante a convalescença, caminhadas solitárias contribuíram para o amadurecer de uma vocação. E desenvolvia-se sempre o mesmo chamamento à bondade: «Estes anos de doença permitiram-me compreender que a fonte da felicidade não estava nem nos dons admiráveis, nem nas grandes facilidades, mas no humilde dom de si mesmo para compreender os outros com bondade de coração¹².»

E aqui está uma das origens da dinâmica com que ele fundou a nossa comunidade: «A intuição de que uma vida de comunidade podia ser sinal de que Deus é amor nunca me abandonou. Pouco a pouco crescia em mim a convicção de que era essencial criar uma comunidade com homens decididos a dar toda a sua vida: uma comunidade onde a bondade de coração e a simplicidade estivessem no centro de tudo¹³.»

Esta convicção era tão forte que, aos seus olhos, a nossa comunidade deveria ter apenas um mínimo de estruturas, para que assentasse, em primeiro lugar, na atenção e no amor fraternos.

⁹ Romanos 8, 34. O irmão Roger retomou esta meditação em *Vivre l'inespéré*, Taizé, 1976, pp. 68-70.

¹⁰ Miqueias 6, 8.

¹¹ Marcos 10, 18.

¹² Irmão Roger, *Dieu ne peut qu'aimer*, Taizé, 2001, p. 71.

¹³ Op. cit., p. 40.

Bondade e simplicidade

Quando se associa bondade e simplicidade, cria-se uma esperança. Constatamos isto tanto ao acolher milhares de jovens como indo partilhar a vida dos mais pobres nos diferentes continentes. A bondade, aliada à simplicidade de coração, torna-nos atentos aos mais pobres, aos que sofrem, ao sofrimento das crianças.

A hospitalidade desperta bondade. Quando preparamos um encontro de jovens numa cidade, convidamos milhares de famílias a acolher um ou mais jovens que não conhecem e cuja língua provavelmente não falam. E vemos que é preciso muito pouco para revelar a bondade presente no coração de tantos homens e mulheres.

Ao passo que a severidade é um obstáculo à fé, a bondade abre-lhe uma porta. A bondade espanta e surpreende. Surge um novo horizonte, um «para além» das provações da vida, do sofrimento dos inocentes, das injustiças e também das provações de uma sociedade de bem-estar que esconde tanta miséria material e espiritual. Uma tal experiência pode fazer nascer a escolha da confiança em Deus.

Falei inúmeras vezes com a Geneviève, a última das sete irmãs do irmão Roger, que morreu em 2007 com 95 anos. As semelhanças com o seu irmão eram impressionantes: evitar qualquer palavra mais dura, qualquer juízo demasiado definitivo. É claro que traços de personalidade como este implicam alguns reveses. Mas o irmão Roger pôde colocar este dom natural ao serviço do Evangelho! E nós, os irmãos, sabemos que isso por vezes o conduzia ao limite do que uma pessoa é capaz de carregar.

Bondade e gratuidade

A gratuidade é outra expressão da bondade. Deus nunca se impõe, Nele não há violência¹⁴, Ele quis que o ser humano o amasse livremente. Nas relações pessoais, esta mesma gratuidade tem um papel fundamental, dá ao outro a sua liberdade. A gratuidade não é de modo algum passiva, mas deixa o Espírito Santo agir no outro. A gratuidade é desinteressada. O irmão Roger recordava-nos muitas vezes que nós, os irmãos, não somos mestres espirituais, mas sim homens de escuta. Se tantos jovens continuam a vir a Taizé depois da sua morte, é porque compreenderam que, como João Batista, o irmão Roger não apontou para si mesmo, mas para a presença de Deus.

Os jovens sabem que, em primeiro lugar, a nossa comunidade quer oferecer um local para procurar Deus. Muitos dizem-nos: «Vimos aqui e sentimos-nos em casa.»

É essencial que os jovens se sintam livres, que não sejam monopolizados de forma alguma, nem pastoral, nem afectivamente. Certamente procuram uma amizade e nós damos-lhe o mais possível. Mas da nossa parte isso exige um discernimento, para lhes dar o espaço necessário para avançar em direcção a Deus.

Num mesmo espírito de gratuidade, nunca quisemos reunir os jovens num movimento em torno da comunidade. Aquando da sua visita em 1986, o Papa João Paulo II explicou isto aos jovens em palavras que nos tocaram: «... Passa-se por Taizé como se passa perto de uma fonte. O viajante pára, mata a sede e continua o seu caminho. Os irmãos da comunidade não querem deter-vos. Querem, na oração e no silêncio, permitir que bebais a água viva prometida por Cristo, reconheceis a sua presença, respondeis ao seu chamamento e depois torneis a partir para dar testemunho do seu amor nas vossas paróquias, escolas, universidades e em todos os vossos locais de trabalho.»

É também numa mesma gratuidade que vivem os nossos irmãos que partilham a vida dos mais pobres em bairros desfavorecidos de África, da Ásia ou da América Latina. Partem para lá com o objectivo único de

¹⁴ «Em Deus não há violência. Deus não enviou Cristo para nos condenar, mas para nos chamar a si, não para nos julgar, mas porque nos ama.» (Carta a Diogneto, Século II, *Les Pères Apostoliques*, Foi Vivante, Cerf, Paris, 1990, p. 328).

serem testemunhas do amor de Deus para cada um, principalmente para os mais abandonados. A sua presença pretende ser um sinal de que é possível ultrapassar barreiras entre culturas diferentes. Não ter projectos concretos a realizar como principal objectivo permite-lhes ser uma presença de bondade gratuita. Nasceram então iniciativas concretas que possivelmente nem teríamos imaginado.

Algumas confirmações

Algumas confirmações apoiaram-nos neste caminho.

O bom Papa João

O irmão Roger falava muitas vezes de como o Papa João XXIII o tinha marcado. Este Papa foi provavelmente o homem que ele mais venerou na terra. Porquê? Nele transparecia a misericórdia de Deus: «João XXIII via no seu interlocutor a imagem de Deus. Discernia no encontro olhos nos olhos o melhor, a pureza de intenções. Só a compaixão permite ver o outro tal como ele é. Um olhar de amor discerne em cada um a beleza profunda da alma humana.¹⁵»

João XXIII deu à bondade um lugar de destaque. Por vezes confundida com ingenuidade, ele sofria com isso. Longe de ser cega, a bondade supõe um combate interior. Ela está consciente do lado sombrio que existe tanto nos outros como em nós mesmos.

O irmão Roger partilhava com João XXIII uma visão positiva do ser humano. Tanto um como o outro convidavam-nos a deixar converter o nosso olhar: «Deus permite-nos caminhar com uma centelha de bondade no fundo da alma, uma centelha que só pede para se transformar em chama¹⁶».

Para o irmão Roger, procurar manter viva a bondade de coração na comunidade era um valor inestimável: «Aqui está talvez um dos mais límpidos reflexos da beleza de uma comunhão.¹⁷»

O que é válido para uma pequena comunidade é-o também para a Igreja. Para o irmão Roger, «comunhão» é um dos mais belos nomes da Igreja. Nela não deveria haver lugar para juízos recíprocos: «Quando, incansavelmente, a Igreja escuta, cura e reconcilia, transforma-se no que há de mais luminoso em si mesma, uma comunhão de amor, de compaixão, de consolação, límpido reflexo de Cristo ressuscitado. Nunca distante ou na defensiva, liberta da severidade, a Igreja pode fazer irradiar a humilde confiança da fé até dentro dos nossos corações humanos.¹⁸»

A alma russa

O irmão Roger amava a Igreja ortodoxa russa. Devido às dificuldades que os cristãos desta Igreja atravessaram, tinha por eles um respeito incondicional: «Eles souberam amar e perdoar. A bondade de coração é para muitos deles uma realidade vital.¹⁹»

Dostoïevski sabia que se abrem caminhos de reconciliação quando tomamos consciência dos tesouros de bondade escondidos em nós próprios: «Se cada um descobrisse quanta sinceridade, lealdade, límpida alegria

¹⁵ Estas linhas estão entre as notas que o irmão Roger deixou aquando da sua morte: preparava um novo livro, que incluiria um capítulo sobre João XXIII.

¹⁶ Irmão Roger, *Carta Até às fontes da alegria*, Encontro Europeu de Hamburgo, 2003.

¹⁷ Irmão Roger, *Carta Até às fontes da alegria*, Encontro Europeu de Hamburgo, 2003.

¹⁸ Irmão Roger, *En tout la paix du cœur*, Taizé, 2002, p. 85.

¹⁹ Irmão Roger, *Dieu ne peut qu'aimer*, Taizé, p. 112.

de coração, pureza e desejo de bem esconde em si mesmo... poderia nesse mesmo instante fazer todas as pessoas felizes.²⁰»

Um artigo sobre São Serafim de Sarov, escrito pelo Padre Boulgakov em 1933, mostra que, se os duros eventos que tiveram lugar na Rússia parecem confirmar uma visão pessimista do homem, a memória de São Serafim permite acreditar na bondade profunda de cada ser humano. À resignação dos que dizem: «O homem é um lobo para o homem» opõe-se a perspectiva deste santo: «O homem é fonte de alegria para o seu próximo». Serafim saudava cada peregrino com estas palavras: «Minha alegria!» E acrescentava: «Cristo ressuscitou.» Porque é a luz do Ressuscitado que revela de quanta bondade o homem é capaz.

Edmond Michelet

O Ministro Edmond Michelet gostava muito de vir a Taizé. Tinha uma ligação afectiva profunda com o irmão Roger. Percebi melhor porquê ao ler o livro *Rue de la Liberté*, onde ele conta a sua experiência de deportado em Dachau.

Afirmar a bondade do homem, depositada nele por um Deus bom, seria ainda possível em meados do século XX? Michelet podia. E tinha isso em comum com o irmão Roger. Depois de anos de um sofrimento inimaginável, Edmond Michelet conseguiu escrever estas palavras espantosas: «Cada um tem o direito de retirar da sua experiência num campo de concentração a conclusão que quiser. Eu quero retirar da minha aventura uma lição de esperança no homem. Quero acreditar que a vontade sincera de procurar, antes de mais, o que pode restabelecer a confiança nas incríveis possibilidades da alma humana é o único meio capaz de suportar uma travessia como a que vivemos.²¹»

Stanislas Lyonnet

No princípio dos anos 80, o jesuíta Stanislas Lyonnet, professor em Roma, veio várias vezes a Taizé. O irmão Roger gostava de o ouvir afirmar a continuidade do amor de Deus em toda a Bíblia. Com entusiasmo, mostrava-nos como o Novo Testamento era iluminado pelo Antigo. Ele voltava ao anúncio da Nova Aliança em Jeremias e Ezequiel: Deus perdoa e já não grava a sua vontade sobre tábuas de pedra, mas nos corações humanos. Abre-se uma liberdade nova, maior que a de distinguir o bem e o mal, uma liberdade que conduz o crente a fazer a vontade de Deus como se fosse a sua.

O Padre Lyonnet pensava que a imagem de um Deus que castiga constituía um grande obstáculo à fé. Fazia afirmações paradoxais que surpreendiam, mas que não eram proferidas de ânimo leve: «Na Bíblia, o temor a Deus é a confiança Nele.»

Paul Ricœur

Em 1947, Paul Ricœur escrevia já um primeiro artigo sobre Taizé. O irmão Roger tinha nele um apoio ao seu próprio pensamento e, em 2001, não hesitou em dar o título «Deus só pode amar» ao seu livro porque podia apoiar-se nestas palavras do grande filósofo: «O único poder que Deus tem é o amor desarmado. Deus não quer o nosso sofrimento. De todo-poderoso, Deus transforma-se em «amor de todo o amor». O único poder de Deus é amar e ter sempre uma palavra de auxílio para nós quando estamos a sofrer.²²»

E porque vinha Paul Ricœur a Taizé? «Preciso de confirmar a minha convicção de que, por muito radical que seja o mal, este nunca é tão profundo como a bondade. Se há um sentido para a religião, ou para as religiões, é o de libertar o fundo de bondade dos homens, de o ir procurar mesmo onde ele está

²⁰ Pierre Pascal, *Dostoïevski l'homme et l'œuvre, L'Age d'homme*, Lausanne, 1970.

²¹ Edmond Michelet, *Rue de la Liberté*, Le Seuil, Paris, 1955, reedição de 2002, p. 247.

²² Paul Ricoeur, in *Panorama* N° 340, Janeiro, 1999, p. 29.

completamente escondido. Temos de libertar esta certeza, de lhe dar uma linguagem. E a linguagem que lhe é dada em Taizé não é a da filosofia, nem sequer a da teologia, mas a da liturgia. Para mim, a liturgia não se limita a uma prática, é também um pensamento.²³»

A bondade de coração até ao último suspiro: 16 de Agosto de 2005

Naquela noite, durante a oração comunitária, uma mulher jovem põe fim à vida do irmão Roger, no que foi um acto doentio. Na Igreja da Reconciliação estão milhares de pessoas. Um jovem espanhol precipita-se para tentar intervir. Apercebe-se de uma expressão de dor no rosto do irmão Roger, que se volta para ver quem o atacou. E este jovem vê que, antes de perder os sentidos, o olhar de dor do irmão Roger se transforma num olhar de amor e de perdão. Até ao último instante da sua vida, o irmão Roger voltou sempre a este valor do Evangelho, à bondade de coração.

Nos dias que se seguiram, os milhares de cartas, telegramas e e-mails que recebemos de todos os continentes foram testemunho de que essa mensagem de amor e de bondade, concretizada na sua vida e na sua morte, deixou marcas numa multidão.

Comprendemos mais profundamente que a bondade não é uma palavra vazia, mas uma força capaz de transformar o mundo, porque Deus trabalha através dela. Perante o mal, a bondade de coração é uma realidade vulnerável. Mas a vida dada do irmão Roger é uma garantia de que a paz de Deus e a confiança terão a última palavra na nossa terra.

Gostaria de terminar com esta oração que o irmão Roger escreveu e que gostava tanto de rezar: «Deus que nos amas, a contemplação do teu perdão transforma-se numa fonte de bondade no coração humilde que se confia a ti.»

Copyright © Ateliers et Presses de Taizé 2010

²³ Paul Ricoeur, «Libérer le fond de bonté», in *Taizé, au vif de l'espérance*, Bayard, Paris, 2002, pp. 205-207.